Sinais de 'totalitarismo' forçaram Google a agir na China, diz Brin
Jessica E. Vascellaro

O que causou a drástica decisão do Google Inc. de fechar seu serviço de buscas na China esta semana foi uma mudança da atitude de seu cofundador Sergey Brin em relação às concessões exigidas para se fazer negócios num país que estava começando a recordá-lo de sua União Soviética natal.

Essa mudança começou logo depois da Olimpíada de Pequim, em 2008, disse Brin ao Wall Street Journal a respeito da decisão sobre a China.

Quando os holofotes dos Jogos Olímpicos se apagaram, disse ele, o governo chinês começou a reforçar a censura na web e a interferir mais na atividade do Google. Mais ou menos naquela época, afirma, as regras obscuras de se fazer negócio na China ficaram ainda mais obscuras.

"A China estava sempre presente", disse Brin. "Uma de cada cinco reuniões de que eu participava tinha algum componente que se aplicava à China de uma maneira diferente que aos outros países."

O cofundador da empresa, de 36 anos, disse que também foi influenciado pela crescente evidência de comportamento repressivo na China que o fazia lembrar da União Soviética, de onde ele e os pais fugiram quando ele tinha seis anos. Ele disse que as memórias daquela época - como ter sua casa visitada pela polícia russa, e a discriminação antissemita contra seu pai - reforçaram sua visão de que era hora de abandonar a política do Google de "aceitar para avançar".

A China "deu grandes passos contra a pobreza e tantas outras coisas", disse Brin. "Mas, mesmo assim, em alguns aspectos de sua política, particularmente com respeito à censura, com respeito à vigilância de dissidentes, vejo os mesmos sinais do totalitarismo, e acho isso pessoalmente um tanto perturbador."

No dia 12 de janeiro, o Google disse que ia parar de autocensurar seu buscador na China, mencionando ataques virtuais que a empresa acredita terem sido motivados por uma tentativa de espiar os emails de dissidentes chineses. Na segunda-feira, o Google pôs essa decisão em prática, redirecionando os usuários de seu buscador na China para um website em Hong Kong que a empresa não censura.

Os ataques virtuais foram a "última gota d'água", disse Brin. Nesse momento, houve um debate intenso na empresa sobre se deviam encerrar a censura, dizem pessoas familiarizadas com o assunto. Brin e outros executivos venceram a discussão, contra a opinião do diretor-presidente, Eric Schmidt, e de outros que achavam que o Google devia seguir seu curso na China, dizem pessoas a par das discussões.

"Tivemos uma longa conversa sobre isso, várias longas conversas", disse Brin. "Ouvimos todos os argumentos." Schmidt e o cofundador do Google Larry Page não quiseram comentar.

O que vai acontecer com o Google a partir de agora na China não se sabe. O negócio da empresa corre risco. Alguns parceiros - como a empresa de mídia TOM Group Ltd., de Hong Kong - encerraram seus acordos para usar o buscador do Google, citando a necessidade de acatar a legislação chinesa. Os funcionários chegaram a pensar em abandonar o navio, para ir trabalhar em rivais como a Microsoft Corp., de acordo com recrutadores.

Pequim chamou a decisão de "totalmente errada". Especialistas em internet duvidam que a China vá permitir que o Google continue a redirecionar seu tráfego do site da China para o de Hong Kong, um território chinês que goza de alguma autonomia. Embora o Google não esteja censurando esse site, os filtros que a China aplica rotineiramente à internet estão bloqueando alguns resultados para os usuários na China.

As dúvidas de Brin quanto aos acordos iniciais do Google para censurar na China remontam à sua infância na União Soviética, que ele deixou com a família em 1979 para escapar do antissemitismo.

Brin tinha seis anos, mas diz que é lembrado do medo constante da vigilância governamental por memórias como a da polícia visitando o apartamento da família para interrogar seus pais, depois que eles tomaram a decisão de emigrar.

Até hoje, disse Brin, ele e a família refletem sobre o significado da decisão. O pai, disse ele, queria ser um astrofísico, mas, talvez por causa da discriminação étnica, virou um matemático.

Ele valoriza a liberdade de buscar seus "próprios sonhos de empreendimento", disse. O pai virou um professor de matemática na Universidade de Maryland, nos EUA.

A China foi um grande teste. O Google estava querendo participar do mercado, na esperança de que fosse aumentar seu acesso a informações, e prospectar novas oportunidades de negócios.

O Google criou um centro de pesquisa e desenvolvimento na China em 2005, e seus executivos começaram a debater se deviam abrir uma ferramenta de busca em solo chinês - uma decisão que exigiria que eles filtrassem antecipadamente o conteúdo que achassem que o governo chinês pudesse considerar questionável.

Brin, Page e Schmidt concordaram que o lançamento de um buscador - e a exibição de uma nota no site esclarecendo que algumas informações haviam sido removidas - geraria uma consciência entre os usuários chineses de internet de que as informações estavam sofrendo restrições.

No fim de 2008, logo depois dos Jogos Olímpicos de Pequim, a censura deu uma guinada para pior, disse Brin. As autoridades chinesas também começaram a dizer para o Google que ele precisaria de várias outras licenças para operar seu negócio, de acordo com pessoas familiarizadas com os pedidos.

No ano passado, o Google se viu ainda mais cerceado quando o governo chinês acusou o serviço de ter pornografia demais em seu site e obrigou o Google a desabilitar alguns de seus recursos durante um período. O serviço de vídeo YouTube, do Google, que a China havia bloqueado periodicamente no passar dos anos, ficou inacessível no país.

Brin disse que o Google ainda avaliava suas alternativas quando descobriu que havia sido atingido por um ataque virtual altamente sofisticado no fim de 2009.

Quando o Google descobriu provas de que a motivação dos ataques era bisbilhotar e-mails de militantes chineses, disse Brin, ele não aguentou - foi a última gota.

"No fim, eu acho que o que conta é o seu limite de desconforto", disse Brin. "Então nós obviamente, como empresa, cruzamos essa linha do limite do desconforto."

Quanto à China, Brin disse que o Google está revendo seus negócios, inclusive os que a empresa ainda hospeda na China, como serviços de mapas e de busca de música. "Entramos para um novo mundo e vamos examinar todos esses serviços", disse.

E ele ainda mantém a esperança de um final de jogo mais radical. "Eu certamente espero que uma solução de longo prazo seja a liberalização da internet na China", disse ele.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 25 mar. 2010, Empresas & Tecnologia, p. B12.

Autorização Uesteanu é exclusiva para fins educacionais